

HARTMANN, Bruna Berres. A língua constituindo o homem na sociedade: reflexões enunciativas acerca da construção de identidade no contexto de português como língua adicional. *ReVEL*. vol. 18, n. 35, 2020. [www.revel.inf.br]

A LÍNGUA CONSTITUINDO O HOMEM NA SOCIEDADE: REFLEXÕES ENUNCIATIVAS ACERCA DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO CONTEXTO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

The language constituting man in society: enunciative reflections on the construction of identity in the context of Portuguese as an additional language

Bruna Berres Hartmann¹

brunabhartmann@gmail.com

RESUMO: Este estudo tem por objetivo refletir, com bases em discussões enunciativas benvenistianas, a maneira pela qual as identidades de um aprendiz de português como língua adicional, inserido em uma universidade pública brasileira são forjadas. Neste sentido, debatemos a constituição de homem e das identidades como correlatas à sociedade na qual o indivíduo se propõe a atuar. Com o intuito de perceber a maneira como o indivíduo compreende a sua apropriação da língua e sua conversão em discursos como o meio pelo qual suas identidades são construídas no convívio social, bem como a maneira como este percebe a sua aquisição linguística como o meio pelo qual sua inserção na sociedade é facilitada ou não, analisamos recortes enunciativos coletados em entrevistas orais semiestruturadas realizadas com um aluno estrangeiro aprendiz de português como língua adicional. Como resultado, percebemos que a apropriação da língua e a sua conversão em discursos de fato propicia ao indivíduo a sua inserção na comunidade de fala, além de inseri-lo em diferentes contextos de atuação. Concluímos, assim, que as identidades são constantemente (re)construídas na e pela linguagem, pois são forjadas nas relações interlocutivas e alteram-se conforme as necessidades impostas na situação comunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística da Enunciação; identidade; discurso.

ABSTRACT: This study aims to reflect, based on Benveniste's enunciative discussions, the way in which the identities of a student of Portuguese as an additional language, inserted in a Brazilian public university are forged. In this sense, we debate the constitution of man and their identities as correlated to the society in which the individual proposes to act. In order to understand the way in which the individual understands his appropriation of the language and its conversion into discourses as the means by which his identities are built in social life, as well as the way he perceives his linguistic acquisition as the means by which their insertion in society is facilitated or not, we analyze enunciative excerpts collected in semi-structured oral interviews conducted with a foreign student learning Portuguese as an additional language. As a result, we realized that the appropriation of the language and its conversion into speeches in fact provides the individual with his insertion in the speech community, in addition to inserting him in different contexts of performance. We conclude, therefore, that identities are constantly (re)constructed in and by language, as they are forged in interlocutive relationships and change according to the needs imposed in the communicative situation.

KEYWORDS: Linguistics of Enunciation; identity; discourse.

¹ Mestre em Letras – Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

INTRODUÇÃO

Este texto origina-se de reflexões decorrentes da pesquisa de dissertação de mestrado², defendida em fevereiro de 2020 na Universidade Federal do Rio Grande, e tem por objetivo discutir, sob o ponto de vista enunciativo benvenistiano, a constituição identitária de um aprendiz de português inserido no contexto universitário brasileiro. É sabido que Émile Benveniste não realizou teorizações voltadas especificamente para a questão da identidade. Contudo, as considerações apresentadas pelo linguista possibilitam aos pesquisadores a discussão do termo a partir de indícios teóricos presentes nas reflexões benvenistianas. Trata-se, portanto, de uma reflexão de inspiração benvenistiana, concebida, conforme leituras atuais, como uma Antropologia da Enunciação (FLORES, 2013), tendo em vista nosso objeto de estudo, os testemunhos linguísticos, com vistas a constituição do indivíduo em uma sociedade.

Ao tomarmos por base os artigos benvenistianos compreendemos o processo de constituição subjetiva do indivíduo. Para o indivíduo constituir-se subjetivamente faz-se necessário o domínio da língua que, por sua vez, acarreta na inserção do indivíduo na sociedade enquanto locutor.

Ao converter-se em participante da vida social por meio da produção de discursos, indivíduo e língua tornam-se inseparáveis, já que sem essa conjunção não haveria possibilidade de estruturação de uma sociedade, condicionado pela língua, pois ela possui a característica de ser individual a cada locutor que se torna sujeito na linguagem, mas ao mesmo tempo, é ela, a língua, quem condiciona o estabelecimento da sociedade. Por outro lado, mesmo que se trate a língua como uma característica coletiva, o locutor tem a habilidade de apropriar-se da língua e particularizá-la conforme suas maneiras de enunciação, desde que se adaptando a algumas “regras” de arranjo linguístico pré-estabelecidas na comunidade.

Discutimos, assim, com base em testemunhos linguísticos de um aprendiz de português como língua adicional, a forma como a língua constitui o seu processo de

² Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na linha de pesquisa *Língua(gem), discurso e ensino*, sendo orientada pela professora Dra. Carolina Knack. A pesquisa de mestrado teve por objetivo realizar uma interlocução entre as áreas da Linguística Aplicada e da Linguística Enunciativa a fim de discutir a capacidade de o falante produzir a língua adicional de forma significativa, compreendendo questões que ultrapassem aspectos de reconhecimento da forma e que alcancem questões semântico-discursivas que o levem à (re)construção de sua(s) identidade(s) e ao empoderamento na sociedade em que enuncia. Neste artigo, realizamos o recorte de questões pertinentes à área enunciativa inerente ao estudo desenvolvido.

inserção e atuação no meio social. Com este propósito em vista, retomamos pressupostos benvenistianos a partir da perspectiva apresentada pelo linguista em *Problemas de Linguística Geral I* (1976), quando o autor aponta que homem e sociedade são determinados com e por meio dos usos linguísticos e que “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo” (BENVENISTE, 1976, p.27).

É importante frisarmos que Benveniste não realizou teorizações voltadas especificamente para a questão da identidade. Contudo, as considerações apresentadas pelo linguista possibilitam aos pesquisadores a discussão do termo a partir de indícios teóricos presentes nas reflexões benvenistianas. Trata-se, portanto, de uma reflexão de inspiração benvenistiana.

Dessa forma, partimos de discussões relativas as apropriações particulares e singulares da língua convertida em discurso para propormos uma concepção de identidade. Isso porque compreendemos que as produções discursivas nos revelam um sujeito em construção de seu próprio dizer, assim como de si mesmo, e em constante relação ao contexto no qual produz seus discursos.

1 BENVENISTE E O HOMEM NA LÍNGUA

Benveniste compreende a linguagem como uma faculdade humana, propriedade inerente ao homem, uma característica universal e imutável. O linguista nos ensina que é pela linguagem que o indivíduo é capaz de converter a língua em discurso com vistas à produção de sentidos. Assim, pela linguagem, o indivíduo é capaz de *representar o real por um ‘signo’* (BENVENISTE, 1976, p. 27) e de compreender a relação entre ambos, gerando, pois, a significação. Mais do que isso, Benveniste assevera que “o homem não foi criado duas vezes, uma sem linguagem, e uma vez com linguagem” (BENVENISTE, 1976, p. 29). Dessa forma, a linguagem é percebida enquanto parte constitutiva do homem.

Por perceber a linguagem como constitutiva do homem, Benveniste distancia-se de algumas correntes linguísticas que percebem a língua como um instrumento a partir do qual a comunicação torna-se possível. Em discussões benvenistianas, linguagem e homem estão intimamente ligados, tendo por um dos princípios norteadores da perspectiva antropológica presente em suas reflexões a perspectiva de que a linguagem é a propriedade definidora do homem. Sobre isso, o linguista afirma

que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*³; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1976, p. 286, grifos do autor).

A consideração da linguagem como instrumento ou algo que possa vir fabricado pelo homem é algo inconcebível nas teorizações benvenistianas. Isso ocorre porque, nessa perspectiva, a linguagem encontra-se na constituição do homem, em sua própria natureza de ser. Sobre isso, Benveniste assegura que

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 1976, p. 285)

Consequentemente, considerar linguagem e homem como caracteres distintos é algo incabível, isso porque o homem, na condição de locutor, apenas se constitui como sujeito pois dispõe dos mecanismos para a produção linguística, e “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a si mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 1976, p. 286, grifos do autor). Em outras palavras, homem em Benveniste é o termo que remete à perspectiva antropológica das teorizações, cabe repetirmos a menção de Benveniste: *a linguagem ensina a própria definição do homem*. Já o locutor é aquele responsável pela apropriação do sistema linguístico, capaz de produzir discursos e estabelecer-se como sujeito na e pela linguagem, é aquele que apenas se torna sujeito da linguagem através dos usos que faz da língua. No entanto, como ocorre essa passagem de locutor a sujeito da linguagem?

Benveniste assegura que o indivíduo apenas toma consciência de si quando este se encontra em contraste com um outro ao qual o enunciado é dirigido. Explicamos. Há a reciprocidade no processo de constituição do *eu*, pois o diálogo, a comunicação, apenas acontece quando se instaura uma alocução, um *tu*, ao qual o discurso é dirigido. Assim,

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco - ao qual digo *tu* e que me diz *tu* [...]. Nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição “interior-exterior”, e

³ Para Benveniste, o termo sujeito é compreendido como o efeito da constituição de homem na e pela linguagem, decorrente da capacidade de o locutor se propor como tal.

ao mesmo tempo são reversíveis. (BENVENISTE, 1976, p. 286, grifos do autor).

Dessa forma, ao propor-se como *eu* no discurso, o locutor estabelece uma relação com aquele que recebe o seu discurso, fazendo surgir o *fundamento linguístico da subjetividade*. Este fundamento encontra-se enraizado na língua pelo fato de apenas fazer surgir o sujeito da linguagem no momento em que locutor propõe-se como produtor de enunciados, ou seja, a instância do discurso é a propriedade pela qual o locutor torna-se sujeito. Dessa forma, o sujeito não é algo anterior ao discurso, pelo contrário, ele apenas torna-se possível porque o locutor apropria-se e faz uso da língua. Ainda, “o *sujeito*, não é nem o *locutor*, nem o *homem*, mas uma instância que decorre da apropriação feita pelo locutor. Logo, o *sujeito* é um efeito de apropriação” (FLORES, 2013, p. 101, grifos do autor), evidenciado pela categoria de pessoa do discurso.

Por categoria de pessoa referimo-nos à instauração do sujeito na linguagem na produção de discursos. Isso ocorre porque ao produzir discursos o locutor emprega o pronome *eu*, referindo-se a si mesmo, e estabelecendo diante de si um *tu*, ao qual o discurso é destinado. Assim, a categoria de pessoa (*eu-tu*), evidenciada nos discursos, é discutida por Benveniste como índice de subjetividade, portanto, são marcas discursivas da presença do homem na língua.

Essa instauração do sujeito na linguagem, através da categoria de pessoa, acontece quando o falante se apropria da língua; ele pode empregar, ou não, em seu discurso, explicitamente o pronome *eu* para referir a si próprio em sua fala e o faz sempre em oposição a *tu*, categoria à qual o discurso é destinado. Dessa forma, *eu* e *tu* são vistos como parceiros na enunciação, pois a cada instância enunciativa é assegurada a reversibilidade discursiva, assegurando, assim, a intersubjetividade na enunciação.

Tendo isso em vista, podemos afirmar que a língua em uso funciona como o meio pelo qual um homem é capaz de relacionar-se e constituir-se dentro de uma comunidade. São as produções discursivas, ou seja, a capacidade de se propor como *eu* em um discurso, que inserem o falante em relação ao(s) outro(s), o *eu - tu* constituintes da categoria de pessoa proposta por Benveniste, sendo este o princípio da *intersubjetividade* (a relação *eu-tu*) que está ligado à *subjetividade*, esta entendida como a capacidade de o locutor se colocar como sujeito. Dessa forma, apenas torna-se sujeito aquele que produz discursos e insere-se nele como *eu*, em relação direta com a

sociedade. Sobre esta passagem de locutor a sujeito, Benveniste afirma que ela ocorre pois “é ‘ego’ que diz *ego*” (BENVENISTE, 1976, p. 286, grifos do autor), o que é parafraseado por Flores (2013) como “é *sujeito* quem *diz eu*” (FLORES, 2013, p. 100, grifos do autor). Em outras palavras, a construção da subjetividade proposta por Benveniste apenas é possível no momento em que a língua é apropriada por um locutor, que a converte em discurso e acaba, conseqüentemente, inserindo-se naquele discurso como *eu*.

Na esteira das reflexões acerca da constituição do indivíduo que se dá, pela língua, por meio da passagem de locutor a sujeito, a subjetividade, Benveniste assegura ser incabível perceber o indivíduo como oposto a uma sociedade, nas relações com os outros, na qual o indivíduo seria um *termo original*. A sociedade está posta e o indivíduo, ao adquirir consciência de si, passa a integrá-la, ao mesmo tempo que ambos se constituem um pelo outro, pois, “é numa realidade dialética que englobe os dois termos [indivíduo e sociedade] e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (BENVENISTE, 1976, p. 287).

Ao compreender a produção discursiva como o único meio de o locutor propor-se como sujeito na linguagem, percebe-se a necessidade de um parceiro, de um ouvinte ao qual o discurso é dirigido e que pode inverter-se em *eu*, dada a condição de inversibilidade estabelecida na enunciação. No momento em que o locutor propõe-se como tal em seus discursos, ele necessariamente encontra um alocutário, àquele ao qual os discursos são dirigidos. Assim, a partir do momento em que o locutor assume sua posição de *eu*, diante de si é estabelecido um ouvinte (*tu*) que receberá esta enunciação, e que “suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1976, p. 84).

O que acontece, então, na estruturação da enunciação, é o aparecimento de um locutor, que a partir do ato de apropriação de características formais de língua, coloca-a em uso e suscita uma enunciação de resposta, e assim retoma-se a questão da *intersubjetividade*. Nas palavras de Benveniste (1976, p. 84)

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Essa situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação [...]. E primeiramente a emergência dos índices de pessoa (a relação *eu-tu*) que não se produz senão na e pela enunciação: o termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o

termo *tu*, o indivíduo que aí está presente como alocutário (BENVENISTE, 1976, p. 84, grifo itálico do autor, grifo negrito nosso).

Portanto, para que o homem esteja na língua é necessário que o locutor se aproprie do aparelho formal da língua e produza enunciados, instaurando-se como *eu* em sua enunciação, sendo este o princípio da *subjetividade*. Simultaneamente, surge o parceiro para o qual se dirigem os discursos, o *tu* da enunciação, fazendo ambos pressuporem-se mutuamente. Esta necessidade de *eu - tu* coexistirem na enunciação é tida como o princípio da intersubjetividade, sendo esta a característica que demonstra a presença do homem na linguagem.

2 A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DE DESLOCAMENTOS DA TEORIA ENUNCIATIVA

A inter-relação entre língua e sociedade e suas construções mútuas são questões amplamente discutidas na perspectiva antropológica da enunciação, isso porque, ao converter a língua em discurso, o indivíduo se constitui e, concomitantemente, produz e reproduz a sociedade na qual está enunciando. Dessa forma, o colocar a língua em uso implica a dupla abordagem entre homem e sociedade, na qual ambos atuam simultaneamente, o que acarreta, a partir da enunciação, a inclusão do indivíduo naquela comunidade específica.

Entendemos o ato de enunciar como uma ação de produção e de construção de identidade, isso porque inclui o falante como produtor do seu discurso relacionando-o com seus interlocutores nas relações sociais. Mais do que isso, ao enunciar o falante se constrói com base nas suas percepções acerca de seu interlocutor, adequando seus dizeres ao evento enunciativo no qual se insere. Dessa forma, o locutor molda a forma como se constrói, diante de seu alocutário, assim como demonstra, através de seu discurso, a estrutura social na qual o ato enunciativo acontece. Compreendemos que esses aspectos permitem tecermos considerações propositivas, inspiradas na teorização benvenistiana, acerca da construção da identidade do falante.

Alguns estudos têm evidenciado a relação entre a produção discursiva como correlata à construção identitária dos indivíduos, a exemplo de Oliveira (2019) que discute os aspectos da língua como formadora de *identidades individuais*, assim como criadora de *identidades coletivas*, em um deslocamento da teoria com vistas à discussão do processo de constituição de um aluno participante da sociedade, em aulas de língua portuguesa e literatura, recorte temático de seu artigo.

Oliveira (2019) entende a construção da subjetividade do indivíduo como *correlata de sua constituição social*, ou seja, compreende ser pela linguagem que identidades individuais e coletivas são formadas. Nessa perspectiva, o autor discute sua interpretação de duas concepções de língua, definindo-a como língua-sistema e língua-discurso. Língua-sistema é, para Oliveira (2019), uma característica social, uma identidade coletiva apresentada a partir do sistema linguístico distintivo de determinada sociedade, ou seja, aquilo que é comum a uma dada comunidade de fala. Já a língua-discurso é percebida como uma característica individual, produtora de identidades, capaz de produzir a identidade individual de cada locutor quando este produz enunciações. Dessa forma, é “o ato de enunciação que torna possíveis a subjetividade, a intersubjetividade e a constituição recíproca de indivíduo e sociedade na e pela linguagem” (OLIVEIRA, 2019, p. 100). Em outras palavras, é pela conversão da língua em discurso que as identidades, tanto individuais, como coletivas, são criadas e evidenciadas.

Nesse sentido, é o discurso que testemunha o modo como essas identidades são (re)construídas. Por isso, é relevante apresentarmos outro exemplo de deslocamento teórico das reflexões de Benveniste: o trabalho de Silva (2016). No artigo intitulado *Discurso: lugar de constituição da memória e da identidade?*, a autora discute as construções discursivas como a possibilidade de construção de memórias e, conseqüentemente, de identidades individuais e coletivas. A autora situa o discurso como o local no qual cada indivíduo se relaciona com os outros, percebendo sua constituição como um ser de heranças, transmissão e de relações interlocutivas. Silva (2016) reassegura o posicionamento apresentado nas teorizações benvenistianas, de que o discurso evidencia a dupla natureza da língua, que é a de ser imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade, quando afirma que “Na e pela língua produzimos uma espécie de memória coletiva, que nos identifica com determinada sociedade e sua cultura. Além dessa identidade social, há algo de único que nos identifica e nos individualiza: a voz”. (SILVA, 2016, p. 28).

A voz, utilizada na reflexão de Silva (2016), é a atualização da língua em discurso evidencia a propriedade fundamental para a instauração do indivíduo. Portanto, a autora pontua que

[...] é essa experiência humana inscrita na linguagem que nos possibilita fazer renascer, a cada ato de enunciação, a experiência de estar na língua, que se reatualiza pela articulação do *semiótico* (mundo do signo e da língua) e do

semântico (mundo da palavra e do discurso), sendo possível, por essa reatualização, historicizar-se na linguagem [...] (SILVA, 2016, p. 36, grifos da autora).

Essa capacidade de historicizar-se na e pela linguagem apontada por Silva (2016) relaciona-se com a propriedade de ressignificação de discursos e, conseqüentemente, reconstrução identitária a cada nova instância enunciativa, isso porque o indivíduo e, logo, a sua identidade, são forjadas no discurso. Dessa forma, conforme aponta a linguista, são nas vivências e experiências de linguagem a partir da produção discursiva com os outros, na sociedade e na prática social, que *o homem pode descobrir-se e reinventar-se durante toda a vida*. Afirmando, ainda, neste deslocamento da abordagem enunciativa que ““É vivendo sua experiência na linguagem com outros, na prática social, por meio de atos de enunciação – falado, ouvido, escrito e lido – que o homem pode descobrir-se e se reinventar durante toda a vida” (SILVA, 2016, p. 42).

Levando em consideração a perspectiva antropológica, propomos uma concepção de identidade que auxiliará as análises propostas na seção seguinte. Desta forma, percebemos as identidades como (re)construídas na e pela linguagem e capazes de emergir a cada nova instância discursiva, nas relações com os outros em sociedade, nas quais o falante com seu(s) modo(s) de enunciar altera-se de acordo com as necessidades impostas no evento comunicativo, com vistas à inserção em determinada comunidade de fala, buscando participar dos jogos de poder estabelecidos na e pela linguagem.

Enunciar envolve, assim, a habilidade de reorganizar o senso sobre si mesmo e a relação que o falante tem para com o mundo e as situações nas quais está envolvido. Portanto, é pelo e dentro do discurso que identidades são forjadas, nas relações intersubjetivas com os outros, nas quais o modo de enunciar se altera. É sobre esta perspectiva, na qual percebemos a identidade e sua constante reformulação e reconstrução como discursiva e socialmente estruturada, que realizamos análises de recortes enunciativos coletados em entrevista com um falante de português como língua adicional.

3 A ENTREVISTA: CONCEPÇÕES ANALÍTICAS E RECORTES ENUNCIATIVOS

Nesta seção apresentamos a análise dos relatos coletados em uma entrevista, realizada no ano de 2019. Os fatos aqui analisados dizem respeito aos relatos acerca das atuações no ambiente acadêmico do aluno José*⁴, 25 anos, colombiano, estudante de pós-graduação (nível de doutorado), falante de espanhol e português, e aluno de cursos de Português para Estrangeiros, ofertados por uma universidade gaúcha. A partir dos fatos apresentados nos relatos, buscamos perceber a maneira como o aluno se fundamenta como sujeito no processo de apropriação da língua portuguesa, levando em consideração também os aspectos culturais inerentes a esta língua, especialmente quanto à cultura acadêmica, de modo a buscar perceber o que seu discurso revela sobre sua condição de falante aprendiz de português como língua adicional

A entrevista realizada teve, como perguntas guias, os seguintes questionamentos:

- a) Quando você chegou ao Brasil, já falava português?
- b) O que o/a levou a aprender a língua?
- c) A falta do domínio linguístico influenciava nas suas relações cotidianas?
- d) (Em caso de resposta afirmativa ao questionamento anterior) Como você se sentia? Que efeito esta falta gerava nas suas vivências? E no ambiente acadêmico?
- e) Atualmente, você considera o seu domínio de português satisfatório?
- f) Aprender a língua portuguesa modificou a forma como você expõe seus posicionamentos?

Direcionamos estas perguntas ao aprendiz pois, interessávamo-nos perceber, a partir dos relatos do aluno, os sinais de mudança que a aprendizagem do português imprime nas suas formas de atuação, ou seja, na maneira como se propõe como locutor nas relações em sociedade, e de que maneira esta aprendizagem influencia na sua construção como sujeito naquela comunidade de fala. Exploramos, então, recortes enunciativos da entrevista com vistas a delinear como se deu o processo de aprendizagem do português como língua adicional, bem como as modificações que tal aquisição suscitaram no falante.

⁴ O nome do aluno fora alterado com vistas à preservação da identidade do informante.

Para realizar essa análise, seguimos a cronologia do relato produzido, utilizando alguns recortes enunciativos dos discursos produzidos pelo falante, levando em consideração o processo de reorganização e de apropriação linguística do falante. Os recortes levam a marcação (R) e o número do excerto em análise. Com base nos excertos enunciativos torna-se possível evidenciarmos algumas categorias de análise enunciativas: partimos da construção da noção de referência nos discursos, para discutirmos o ato enunciativo, a intersubjetividade e as questões de tempo-espaço nele instauradas.

A noção de *referência* é parte essencial nesta análise, pois, falar é *falar de algo*. Assim, conforme aponta Knack (2016), a referência é o que possibilita ao locutor o estabelecimento de sua relação com o outro e também com o mundo, *(re)criando este pelo discurso* (KNACK, 2016, p. 84), ou seja, pelo discurso abrange-se a relação com o outro e com o mundo. Dessa forma, interessa-nos visualizar o modo como o aluno mobiliza os fatos vividos por ele e os transforma em *referência* no discurso.

Portanto, a partir da noção de referência, buscamos perceber a maneira como o indivíduo constitui a *referência* para consigo mesmo e para com a sociedade na qual está inserido. Focamos, então, na maneira como reflete acerca de seus discursos, sendo efetivos, ou não, nas relações na comunidade de fala em que se insere.

Assim, ao iniciarmos a entrevista, convocamos o aluno a revisitar o momento de sua chegada ao Brasil, no ano de 2015, pedindo que discorresse acerca de suas atuações enquanto aluno estrangeiro e sobre a maneira como o domínio ou a falta de domínio da língua portuguesa influenciavam essas atuações, situação que o leva a refletir acerca de sua relação com o mundo. A *referência* presente nas enunciações de José diz respeito às diferentes vivências relativas à sua realidade enquanto aluno estrangeiro inserido em uma universidade brasileira. Dessa forma, pela linguagem, o aluno passa a *reproduzir a sua realidade*. Isso porque, conforme nos ensina Benveniste (1976, p. 26), ao retomar experiências anteriores e convertê-las em linguagem, “a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e as experiências do acontecimento”.

O aluno relembra que, ao chegar no Brasil em 2015, em um projeto de intercâmbio entre as universidades brasileira e colombiana, não possuía o domínio do português, fato que impossibilitava a sua interação no meio acadêmico. José recorda

que decidiu iniciar as aulas de português por conta da necessidade imposta pela universidade, pois, segundo ele,

(R1)⁵ “*Todas as aulas, palestras e seminários eram em português. Não era permitido apresentar em espanhol por causa da comunicação, então isso me forçou a estudar por conta própria, através de cursos da língua*”.

José traz, em suas enunciações, acontecimentos de sua realidade anteriores ao tempo do discurso, no entanto estes são apresentados no *tempo presente* da sua enunciação. O presente da sua enunciação está ligado ao fato de *narrar*, pois “tem como referência temporal um dado linguístico: a coincidência do acontecimento descrito [o fato de narrar] com a instância de discurso que o descreve. A marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso” (BENVENISTE, 1976, p. 289). Dessa forma, as referências que estabelece para com o mundo no qual atua estão relacionadas a eventos anteriores, revisitados e *renascidos em seu discurso*, via narração presente de fatos passados.

No recorte enunciativo 1, o relacionamento que o locutor estabelece com questões temporais é perceptível, pois apropria-se da língua e converte-a em discursos engendrando os *índices específicos e procedimentos acessórios* inerentes à enunciação. Isso porque, ao produzir seu discurso no tempo atual, estabelecendo-se como *eu* e configurando diante de si a entrevistadora como o *tu* da enunciação, o locutor consegue estabelecer um *jogo de formas específicas* que o aloca no tempo presente e redireciona-o à sua relação ao momento passado. Assim, por ter constituído em seu discurso, no tempo presente, um *centro de referência interno*, lhe é propiciada a retomada de eventos anteriores ao tempo atual.

José recorda que, findado o processo de intercâmbio, retornou ao seu país de origem, onde permaneceu por dois meses, sem estudos de língua portuguesa, até seu retorno, em 2016, quando da sua aprovação para um curso de pós-graduação, em nível de mestrado, na Universidade Federal de Pelotas. Ao retornar para o Brasil, passou a participar de cursos de português para estrangeiros oferecidos pela universidade, cursos com os quais permaneceu em contato até o momento da coleta dos dados, conforme o recorte enunciativo apresentado a seguir:

⁵ A marcação (R1) indica que se trata do recorte enunciativo 1 do relato coletado.

(R2) *“Eu voltei pro Brasil primeiros dias de março do seguinte ano, que foi 2016. Comecei o mestrado e mais ou menos ali pelo final de março havia convocatória para fazer curso de português. Em 2016 eu acho que fiz dois cursos, primeiro e segundo semestres, depois teve um que parou [curso interrompido pela universidade] e depois fiz [cursos de português para estrangeiros] com a própria coordenadora, que foram dois cursos no mesmo semestre, que foram um de cultura brasileira e o outro de produção de textos acadêmicos, foram os que fiz. E neste semestre participo agora do leitura e produção de textos acadêmicos para estrangeiros, que enfatizam um pouco estudos de linguística, da gramática, produção de textos, estrutura. Tô cursando ainda, e agora estamos na parte de produção oral.”*

Ao ser questionado sobre seu relacionamento com os colegas, professores, nos primeiros semestres de estudo no Brasil, o aluno relata que se sentia muito tímido pela falta de domínio da língua portuguesa e que *“(R3) isso [a falta da língua portuguesa] limitava muito participar nas disciplinas, porque muita disciplina era interativa e eu me restringia e me coibia a fazer questionamentos que tinha”*. Essa falta de domínio da língua lhe impossibilitava a interagir e, como consequência, não lhe possibilitava *tornar-se locutor e sujeito da linguagem* nesse contexto acadêmico, pois, conforme nos lembra Benveniste,

A forma do pensamento é configurada pela estrutura da língua. E a língua, por sua vez revela dentro do sistema das suas categorias a sua função mediadora. Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o **parceiro, que dotado da mesma língua tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo** (BENVENISTE, 1976, p. 27, grifos nossos).

Por não dominar a estrutura da língua portuguesa e por não ter a habilidade de organizar o conteúdo do que desejava expressar, não era capaz de estabelecer-se como locutor e ter, assim, um alocutário, um parceiro a partir do qual suas enunciações teriam algum retorno condizente com o que desejara expressar. Como consequência, era visto como um aluno tímido, o que influenciava a maneira como relacionava-se com os colegas, o que o leva a afirmar que

(R4) *“No primeiro semestre, [eu] não tinha muitos amigos em aula porque eu acho que foi uma barreira, eu sempre fiquei muito calado, né?! Eu, tipo, eu tinha a oportunidade de ‘dar disciplinas’ [referindo-se à possibilidade de assistir às aulas em diferentes cursos de graduação] em vários ambientes. No início fui no curso de engenharia ambiental que eu tava fazendo, e o que fiz na engenharia civil, fiz na engenharia hídrica, engenharia da produção, fiz também nos processos gerenciais... eu tive uma diversidade de disciplinas, mas*

não fiz muitos amigos nessas disciplinas, né, por causa de que eu não conversava muito, eu não compreendia, e pra mim o primeiro semestre foi tan rápido que, acho que, foi muito limitante.”

Ao levarmos em consideração o que afirmava Benveniste, de que apenas dentro da instância do discurso o falante é capaz de (re)produzir a sua realidade – ao apropriar-se do sistema linguístico e convertê-lo em discurso, tornando-se locutor e apresentando-se como sujeito no discurso, tendo nele implicado um parceiro que receberia as enunciações, o que resulta na instauração da subjetividade –, podemos entender a passagem anterior como limitante neste processo de *construção da subjetividade* do falante. Isso porque, ao afirmar no recorte enunciativo 4 que “*eu não conversava muito, eu não compreendia* [as disciplinas e diálogos em sala de aula]”, é vedado ao falante a possibilidade de constituir-se como sujeito dentro daquela comunidade de fala, pois, conforme aponta Benveniste (2006, p. 83-84), “antes da enunciação a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte, e que suscita uma outra enunciação de retorno”. Ou seja, a impossibilidade de apropriar-se do sistema linguístico lhe privava a possibilidade de estabelecer relações discursivas naquele ambiente. Assim, as formas sonoras do discurso chegavam até o falante, porém, este não conseguia suscitar uma enunciação de retorno, pela incompreensão do discurso, bem como pela falta do sistema linguístico.

Nos momentos em que menciona que “*não tinha muitos amigos*” e “*não fiz muitos amigos nessas disciplinas*” é perceptível a impossibilidade, para seu alocutário, de poder *recriar a realidade* a partir do discurso de José e, assim, estabelecer o diálogo, a comunicação intersubjetiva entre locutor e ouvinte. Isso porque, conforme aponta Benveniste (1976):

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato do discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 1976, p. 26).

Dada a impossibilidade de estabelecer a comunicação intersubjetiva, José não conseguia estabelecer-se como parceiro de enunciação, pois, tanto em posição de

locutor, quanto em posição de ouvinte, não era capaz de estabelecer a *troca, o diálogo*. Tal fato impossibilitava, assim, para ele, enquanto ouvinte, a chance de recriar a realidade e, enquanto locutor, de representar a sua realidade de maneira que os seus colegas pudessem interagir com ele.

O aluno prossegue o relato, relacionando-o ao contexto acadêmico, demonstrando sua frustração com a falta da língua para a sua participação em discussões propostas em sala de aula, afirmando que sua orientação em sala de aula eram os *slides* utilizados por professores, conforme explicita no recorte enunciativo apresentado a seguir.

(R5) *“Primeiras vezes eu me sentia frustrado, assim, porque eu não entendia nada. Era, tudo que falava, praticamente isso que só entendia 10%. Tinha palavras similares, outras que no, até porque podia ser palavras muito similares, mas na pronúncia era totalmente distinto, que isso foi algo bem complexo. A única guia que eu tinha, que me conseguia fazer entender eram os slides porque na escrita é bem mais fácil de entender e isso era uma orientação e além do material de estudo que passavam era mais tranquilo pra mim. No princípio era assim, eu me sentia muito incômodo comigo mesmo, o que me levo a me forçar mais, me motivo, porque eu sentia que tinha uma falência e tinha que melhorar pra melhorar o meu desenvolvimento na vida acadêmica.”*

Se, de um lado, a enunciação escrita lhe oferecia um certo amparo para sua instauração como alocutário-leitor, de outro lado, a enunciação falada não lhe colocava na posição ativa de ouvinte que *co-refere* a alocução. Sobre esta dificuldade de estabelecer sentidos nas palavras que ouvia, relacionamos o recorte enunciativo 5 ao que Benveniste (1976, p. 285) afirma que “Para que a palavra assegure a ‘comunicação’, é preciso que esteja habilitada a isso pela linguagem, da qual é apenas a atualização. De fato, é na linguagem que devemos procurar a condição dessa aptidão”. Deslocando para o caso de José essa afirmação, o aluno não estava habilitado a converter as palavras em sentidos, especialmente as da enunciação falada, ou seja, não estava apto a estabelecer a comunicação, visto que compreendia pouquíssimas palavras que lhe eram dirigidas oralmente, a ele também era impossibilitada a condição de tornar-se sujeito, pois,

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito (...). [O sujeito] define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a

permanência da consciência. **Ora, essa "subjatividade",** quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, **não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem** (BENVENISTE, 1976, p. 286).

Dessa forma, por não conseguir estabelecer sentido nos enunciados que a ele eram dirigidos e, conseqüentemente, não estar apto a suscitar uma enunciação de resposta, pela falta de domínio da língua, José não se reconhecia como sujeito de linguagem e não era reconhecido, pelos outros, como tal, não participando, assim, das experiências estabelecidas a partir da linguagem. Percebemos que a falta de domínio linguístico e a conseqüente ausência de comunicação constituem-se como os principais elementos identitários de José, gerando assim, uma identidade de ausência. Tal impossibilidade de interação e de estruturar-se enquanto sujeito na linguagem fez com que José se sentisse incomodado, o que o levou a buscar instrução formal na língua, através de cursos de idiomas, pois *“sentia que tinha uma falência e tinha que melhorar pra melhorar o meu desenvolvimento na vida acadêmica”*.

José prossegue o relato afirmando que a busca pela instrução na língua era algo essencial para o seu desenvolvimento, tanto acadêmico, quanto pessoal, o que o leva a afirmar

(R6) *“Pra mim comunicação sempre foi algo muito importante, não tem como tu te inserir num meio, numa sociedade, sem comunicação.”*

O recorte acima nos leva à percepção da consciência, por parte de José, da imbricação existente entre a língua e a sociedade na qual se insere. Levando isso em consideração, bem como o pressuposto de Benveniste que nos ensina que “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo” (BENVENISTE, 1976, p. 27), a concepção de que indivíduo e sociedade se constroem mutuamente torna-se mais evidente, visto que, assim como aponta Benveniste, José assegura em seu discurso que a inserção em uma sociedade depende da capacidade comunicativa do indivíduo.

Com isso em vista, ao ser questionado acerca do desenvolvimento de suas habilidades linguísticas após três anos inserido no contexto brasileiro, e tendo participado de diversos cursos de língua portuguesa, José afirma deter maior domínio da língua portuguesa. No entanto, conforme o aluno afirma, este domínio

(R7) *“Não [é] perfeito, mas consigo me desenvolver em diferentes âmbitos, né, tenho uma conversação com seguridade [segurança], já*

não preciso tá traduzindo, porque já me sirvo da capacidade de querer dizer uma coisa e se no sabe [se o seu interlocutor não o compreende], procurar outras formas de dizer. Acho que isso é uma capacidade que adquiri. Consigo expressar o que eu senti, já consigo expressar.”

Apropriar-se da língua portuguesa e ter a habilidade de convertê-la em discurso propicia ao falante inserir-se no discurso e, pelo discurso, na sociedade, na comunidade de fala em que atua. Diferentemente do que afirmara sobre a incapacidade de criar laços de amizade pela falta da instauração da intersubjetividade, que, por sua vez, é construída no discurso, a partir da reversibilidade discursiva, entre locutor e alocutário, no recorte acima percebe-se que José passa a determinar-se enquanto locutor e estabelece diante de si um alocutário. Assim, conforme nos lembra Benveniste, esta *acentuação da relação discursiva com o parceiro* habilita José a reformular o seu dizer conforme o que acredita ser necessário para a compreensão por parte de seu alocutário. Dessa forma, por dispor de *um aparelho de funções*, José passa a influenciar o seu comportamento, bem como de seu alocutário, conforme a sua relação com seu parceiro discursivo.

Da possibilidade de estabelecer-se como locutor e apresentar-se como sujeito na linguagem decorre a constituição e a expressão de sua identidade e, conforme aponta José, a própria expressão pela linguagem do que sente. Fato que nos remete ao que afirma Benveniste (1976, p. 288), pois “não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como eu”, e propiciando-lhe a capacidade de atuar no ambiente no qual está inserido. A habilidade de expressão de sentimentos relaciona-se com a capacidade de apropriação do sistema linguístico para tornar-se capaz de produzir sentidos, através dos discursos, no relacionamento intersubjetivo. No entanto, ao passo que adquire o sistema linguístico, José passa a evidenciar-se academicamente, pois, em suas palavras,

“(R8) Consegui me destacar muito como estudante, ser reconhecido, os professores verem meu interesse né, que foi uma coisa que me levou a continuar a vida acadêmica, ver meu potencial né, acho que foi um diferencial [aprender a língua]”.

Com base no recorte acima, percebe-se o caráter social da língua enquanto prática humana, visto que, ao apropriar-se da língua, José se vê inserido como participante da sociedade e, mais especificamente, da comunidade acadêmica de falantes de língua portuguesa. Tal fato nos remete a Benveniste, quando relaciona língua e sociedade, ao afirmar que “é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante” (BENVENISTE, 2006, p. 101).

Tendo em vista a possibilidade de instaurar uma nova maneira de se constituir como sujeito de linguagem através do domínio da língua portuguesa, o aluno atesta que suas atuações e vivências, especialmente no âmbito acadêmico, sofreram diversas modificações. Dentre elas, a maneira como era visto por seus colegas de aula e professores, pois, segundo José, por não dominar a língua portuguesa, era visto como uma pessoa tímida, não conseguia destacar-se academicamente e não era possível mostrar seu potencial enquanto aluno de pós-graduação.

Ao ser questionado acerca de sua construção enquanto falante de português e falante de espanhol, José afirma que a aquisição da língua portuguesa influenciou diversos aspectos de sua vida, dentre eles a maneira de falar, inclusive a sua língua materna, ou seja, José *reinventa-se a partir da sua historicização na linguagem* (SILVA, 2016), pois, segundo José,

(R12) **“Quando eu volto de férias, na minha casa, meu país, todo mundo acha que eu falo muito diferente. Porque, assim, como levou tanto tempo, acho que eu tenho perdido muitas gírias do meu idioma, e palavras que algumas vezes esqueço, por no saber a forma informal da palavra no meu idioma, eu me restrinjo a falar muito formal e acaba que meu forma de expressar em certos grupos é muito diferente e isso marca. Por exemplo, hoje vou chegar na Colômbia, visitar meus amigos, eu falo de um jeito e eles dizem ‘nossa, tu fala muito diferente’. Mas é mesmo... até mesmo me senti, **na primeira semana que eu tô lá, eu sinto que meu sotaque espanhol mudou**, minha forma de pronúncia, falar mais calmo, falar com palavras mais formais, umas palavras não tanto do comum, enquanto me adapto novamente no idioma, escutando como é que é. Peguei costume muito do jeito [de falar] do português, porque a língua tem suas expressões, sua forma de falar, sua velocidade, sua forma de dicção, é muito diferente, e isso influencia. Por exemplo, no espanhol, a gente fala muito mais rápido, e isso com o português me ajudou muito a falar de maneira mais devagar, a controlar minha dicção, a forma de expressão, isso influenciou bastante.”**

O excerto acima nos remete à discussão acerca da construção identitária tanto individual quanto coletiva, pois ao declarar que “*quando eu volto de férias, na minha casa, meu país, todo mundo acha que eu falo muito diferente*”, José evidencia as relações de *língua* enquanto *sistema* e *língua* enquanto *discurso* (OLIVEIRA, 2019). Sob essa perspectiva, o falar de José evoca, por um lado, a reflexão sobre a língua como sistema linguístico, ou seja, “aquilo que é comum a uma comunidade de falantes”, a partir da qual “ela é uma identidade social” (OLIVEIRA, 2019, p. 101); neste caso, trata-se da língua espanhola enquanto constitutiva do falar da comunidade colombiana. Por outro lado, o relato de José também explicita, nas suas interações em seu país de origem, a língua como discurso, ou seja, as suas produções linguísticas individuais, “aquilo que define o próprio de cada um”, o que faz gera “uma identidade individual” (OLIVEIRA, 2019, p. 101).

Além disso, ao apontar que percebe alterações, tanto em sua língua materna, quanto na língua adicional, José aponta sua adaptabilidade quanto ao contexto no qual se encontra, pois confronta as duas línguas e coloca-se no entremeio, com sua identidade fluida que se configurou a partir da aquisição das duas línguas, carregando traços de uma língua à outra. O seu modo de falar passa a ser modificado pelas duas línguas, o que constitui a sua identidade.

Por compreendermos a identidade como relacionada a um ato performativo e ligada a estruturas discursivas e narrativas, percebemos na fala de José – “*na primeira semana que eu tô lá, eu sinto que meu sotaque espanhol mudou,[...] enquanto me adapto novamente no idioma, escutando como é que é*” – que ele busca uma maneira de encontrar seu local social naquela comunidade específica, almejando atuar de maneira competente nos jogos de poder simbólicos. E, fazendo um paralelo com o que apontam os estudos de base benvenistiana, voltamo-nos ao aspecto de *reinventar-se* enquanto produtor de discursos, pois conforme afirma Silva (2016, p. 42), “é vivendo sua experiência na linguagem com outros, na prática social, por meio de atos de enunciação que o homem pode descobrir-se e se reinventar durante toda a vida”. Assim, as experiências de José, na língua adicional, influenciam a maneira como se porta em sua língua materna, visto que as formas simbólicas de ambas as línguas passam a atuar na sua produção discursiva e remetem às suas *experiências incorporadas e ressonâncias emocionais*, oriundas de ambos os contextos linguísticos.

As alterações constatadas pelo aluno ultrapassam os limites da produção linguística nos dois sistemas, o português e o espanhol, e tiveram influência em sua construção tanto sociocultural quanto educacional. Isso porque tópicos abordados no contexto brasileiro até então não eram presentes em seu contexto cultural enquanto colombiano e, nas palavras de José

(R13) *“Acho que vocês [referindo-se aos brasileiros] têm umas discussões que pra mim, quando eu aprendi a língua, minha, tipo, **minha mente se abriu muito mais conhecimentos que eu não tinha no meu país**, de coisas, de cultura, de coisas de, tanto acadêmica, e de conhecimentos do mundo, de outros países, **conhecimento de outros comportamentos, que isso influencia no meu comportamento agora, sou outra pessoa**. Quando eu aprendi a língua, **não somente aprendi a língua, aprendi outras coisas, outros ambientes, que isso me mudou como pessoa**, porque eu digo que estar no Brasil **me ensinou ser mais tolerável, ser mais consciente**, no falar de cuidar para no ofender outras pessoas, de expressões que eu usava e **acabei por mudar também**, acho que isso sim tem influência na minha postura, bastante.”*

Assim como se dá o fenômeno de aquisição da linguagem pela criança, conforme algumas indicações de Benveniste (1976), o mesmo acontece quando há a aquisição de uma língua adicional que, por sua vez, acarreta na constituição do sujeito dotado de linguagem e que acaba por inserir-se em uma cultura específica, lidando com signos e símbolos linguísticos característicos daquela comunidade de fala. Dessa forma, a aquisição da língua portuguesa apresentou-lhe uma nova perspectiva sob a qual lida com os acontecimentos e a maneira como atua diante do que vivencia.

Ao apropriar-se da língua portuguesa, trazendo-a para as suas vivências e experiências, o aluno percebe que, além do sistema linguístico, questões simbólicas inerentes à língua portuguesa passaram a fazer parte do seu universo enquanto falante da língua, pois, nas palavras do aluno, *“minha mente se abriu muito mais conhecimentos que eu não tinha no meu país, de coisas, de cultura”*. Por apropriar-se do novo sistema linguístico e, com ele, da cultura que lhe é constitutiva, sua identidade passa por modificações, adaptando-se aos novos comportamentos e questões culturais da comunidade na qual se inseriu. Assim, conforme já evidenciamos anteriormente, José passa a ser impregnado de valores éticos e morais inerentes à cultura da qual faz parte e estes valores culturais passam a dirigir o seu comportamento em *todas as formas da sua atividade* (BENVENISTE, 1976, p. 32).

É notório que, diferentemente do processo de aquisição da linguagem na criança, que passa a conhecer os símbolos e também a conhecer-se enquanto falante, quando o *eu adulto* passa a operar a língua com vistas a tornar-se locutor, ele já tem um conhecimento de si, mesmo que sempre provisório, visto que se (re)conhece na condição de falante a cada relação discursiva com os outros, na sociedade e na cultura, passando a configurar, assim, múltiplas faces de falante. Contudo, esta capacidade de reconhecimento de si e de propor-se como sujeito apenas acontecia em sua língua materna. Por outro lado, quando passa a ter a habilidade de apropriar-se da língua adicional e convertê-la em discursos, é capaz de gerar uma nova significação acerca de si mesmo, e passar a dar vida, e voz, ao que vivencia. Isso porque, conforme nos lembra Benveniste,

Assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura (BENVENISTE, 1976, p. 32).

A aquisição de uma nova língua, de uma nova cultura, está intimamente relacionada ao processo de construção identitária, conforme apresentado no recorte da entrevista no qual José afirma ter se tornado “*uma outra pessoa*”. Tal evidência corrobora com nossa perspectiva acerca da construção de identidades, concepção formulada por nós na qual pontuamos que *as identidades são (re)construídas na e pela linguagem e emergem a cada nova instância discursiva, nas relações com os outros em sociedade, nas quais o falante com seu(s) modo(s) de enunciar altera-se de acordo com as necessidades impostas no evento comunicativo, com vistas à inserção em determinada comunidade de fala, buscando participar dos jogos de poder estabelecidos na e pela linguagem.*

4 IDENTIDADE: REFLEXÕES ENUNCIATIVAS SOBRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM UM CONTEXTO DE LÍNGUA ADICIONAL

Evidenciamos nos recortes enunciativos da seção anterior que José percebe a sua alteração de comportamento em diversas situações em decorrência desta nova língua adquirida, e, com a proficiência na língua, lhe é possibilitado participar de diversos eventos comunicativos em que jogos de poder são estabelecidos. Tais alterações são evidenciadas tanto em situações de produção discursiva face a face,

como em meios digitais, pois, conforme relata o aluno, “*o jeito de comportamento, é bem diferente*” quando compara os dois meios ao refletir acerca de sua atuação neles. Em seu relato, José demonstra que passa a atuar e inserir-se na comunidade de fala em diferentes contextos comunicativos e que é capaz de expressar seus posicionamentos, pois, retomando os dizeres do aluno, “*consigo expressar o que eu senti*”.

A constituição de sua identidade como falante de língua portuguesa lhe propicia a atuação na comunidade de fala de maneira efetiva, (re)significando os enunciados e (re)definindo-os de acordo com sua realidade, pois, nas palavras do aluno, “*eu digo que estar no Brasil me ensinou ser mais tolerável, ser mais consciente, no falar de cuidar para no ofender outras pessoas, de expressões que eu usava e acabei por mudar também, acho que isso sim tem influência na minha postura*”. Neste excerto ficam evidentes as alterações de José que, além de locutor em sua língua materna, torna-se locutor na língua adicional, porque além do sistema linguístico, apropria-se de todo o aparato cultural e simbólico imanente à língua e passa a atuar conforme as diferentes concepções que adquiriu na língua portuguesa.

Os relatos de José evidenciam a sua construção identitária enquanto indivíduo falante de língua espanhola e de língua portuguesa, capaz de atuar em ambos os contextos linguísticos de maneira eficiente, de acordo com a sua realidade. Tal fato corrobora com o posicionamento benvenistiano de que

O fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que **não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo.** A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como eu. (BENVENISTE, 1976, p. 288, grifo nosso).

Ou seja, o testemunho que José dá sobre a apropriação da língua portuguesa e sua conversão em discursos revela as modificações que suas identidades passam de acordo com o meio no qual produz discursos e a sua habilidade de atuar nestes espaços, confrontando as situações comunicativas de acordo com suas vivências e redefinindo-as de acordo com sua realidade. Assim, demonstra, em seus relatos, que a apropriação da língua portuguesa interfere em seus posicionamentos e maneiras de expressão, o que acarreta na sua (re)construção identitária com vistas à cultura na qual está inserido.

CONCLUSÃO

Ao levarmos em consideração os relatos coletados e analisados, pudemos perceber que a aquisição da língua portuguesa como língua adicional propiciou ao participante de nossa pesquisa a sua inserção na comunidade acadêmica. A partir dos relatos de José, percebemos que a apropriação da língua altera sim a maneira como um indivíduo se porta diante dos eventos comunicativos e, de uma maneira geral, diante da sociedade.

Depreendemos que a aquisição do português como língua adicional possibilita o empoderamento e a inserção dos aprendizes na comunidade linguística em que se encontram inseridos. Nesta perspectiva, a aquisição da língua adicional de fato propicia ao indivíduo a sua inserção na comunidade de fala e a ele é propiciada a oportunidade de participar dos jogos discursivos e das vivências em sociedade, pois, como apresentamos nas análises, José passa a participar de discussões que até então não faziam partes de suas vivências, visto que, nas palavras do aluno, *“minha mente se abriu muito mais conhecimentos que eu não tinha no meu país”*

Evidenciamos, em nossas análises acerca de comportamentos na comunidade acadêmica, que no momento de sua chegada ao país, ao aluno não eram possibilitadas as oportunidades de interação pela falta de domínio do sistema linguístico, acarretando, assim, a sua autopercepção de indivíduo falho, pois a interação que tanto almejava não conseguia atingir. Ao passo que, com o desenvolvimento de competências linguístico-discursivas, José pôde passar a participar das interlocuções e, assim, expor seus ideais e posicionamentos nos mais diversos assuntos, adequando-se conforme o contexto no qual inseria-se. Assim, a aquisição da língua portuguesa possibilitou o seu empoderamento enquanto atuante na sociedade. Afinal, mais do que apenas converter a língua em sentidos, José nos apontou que suas compreensões e visões diante de alguns assuntos fora alterada também e que, com isso, seus posicionamentos diante destes assuntos também passou por modificações, (re)formulando sua constituição individual na comunidade de fala, ou seja, sua identidade é (re)construída com de acordo com a sociedade na qual se insere.

Pudemos confirmar que a apropriação do sistema linguístico e sua conversão em discursos em situações de interlocução está, conforme mencionava Benveniste, intimamente relacionada à sociedade na qual estes discursos são construídos. Explicamo-nos. Com a coleta e análise dos relatos do informante, pudemos atestar que,

conforme suas vivências, a inserção na comunidade de fala provocou alterações em seus modos de comportamento e na maneira a partir da qual mobilizava a língua nos jogos linguísticos. Tais alterações acarretaram, conforme nos diz José, alterações em sua identidade, fato que condiz com a concepção de identidade aqui defendida, ou seja, as identidades, plurais e em constante reconstrução, emergem a cada nova instância discursiva, nas relações com os outros e nas quais o modo de enunciar do falante é alterado com base nas necessidades impostas no evento comunicativo, tendo em vista o intuito de participar dos jogos de poder estabelecidos na e pela linguagem.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Tradução Maria da Glória Novak *et al.* São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

FLORES, Valdir N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013

KNACK, Carolina. *Por uma dimensão antropológica do discurso: as passagens do aluno nas instâncias de ensino*. 164f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

OLIVEIRA, Giovani Fernandes. Enunciação e cidadania: o replanejamento didático na busca pelas culturas negadas e silenciadas em sala de aula. *Signo. Santa Cruz do Sul*, v. 44, n. 80, p. 98-121, 2019.

SILVA, Carmem Luci da Costa. Discurso: lugar de constituição da memória e da identidade? p. 25-43. In: AQUINO, Ivana Campigotto *et al.* (Org.) *Língua, literatura, cultura e identidade* [recurso eletrônico]: entrelaçando conceitos. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2016.

Recebido em 29 de junho de 2020.

Aceito em 17 de agosto de 2020.